

Guerra do Paraguai (Aspectos sumários)

I Antecedentes e Causas da Guerra

1. Causas Remotas

- a. antagonismo político-econômico entre Assunção e Buenos Aires, acentuado desde a criação do Vice-Reinado do Rio da Prata;
- b. fatalismo geográfico que contribuiu para o isolamento do Paraguai e a adoção de políticas “voltadas para dentro”, a fim de o país depender o mínimo do exterior;
- c. antagonismo hispano-português, revivido na América do Sul, no choque entre bandeirantes e jesuítas e na desconfiança paraguaia quanto aos desígnios expansionistas do Brasil e da Argentina;
- d. objetivo geopolítico paraguaio de criar o “Paraguai-Maior”, com a anexação dos territórios indígenas da região, reconstituindo-se o antigo “Império Teocrático dos Jesuítas”, que assegurasse a influência guarani na região do Prata e a obtenção de uma saída para o mar;
- e. o exotismo do Brasil monárquico, cercado de repúblicas, o que avivava a hostilidade paraguaia para com o nosso país, agravada pelas idéias “liberais” de Solano López, hauridas na França, onde viveu.

2. Causas Imediatas

- a. questão da livre navegação dos rios da bacia do Prata, aguçada com a recém-surgida navegação a vapor, decorrente da Revolução Industrial;
- b. intervenção do Império brasileiro em favor de Venâncio Flores, do Uruguai;
- c. frustração de López pela recusa de sua intermediação no conflito Brasil-Uruguai;
- d. a ocupação militar da ilha Martin Garcia pela Argentina, contrariando interesses geopolíticos paraguaios e urguaios;
- e. aprisionamento do navio brasileiro “Marquês de Olinda”, que conduzia o Presidente da província de Mato Grosso, no rio Paraguai.

II A Guerra

1. As Invasões Paraguaias

- a. a invasão paraguaia no Mato Grosso ocorreu em dezembro de 1864, levada a efeito por duas fortes colunas que agiram simultaneamente; em quinze dias, o invasor controlava a região de fronteira e as praças de Coimbra, Corumbá, Miranda, Nioaque e Dourados; a memorável epopéia da “Retirada da Laguna” reflete, gloriosamente, o que foi a reação brasileira para repelir a invasão;

b. López decide também invadir o RGS e a Argentina, até porque este país não permitiu o livre trânsito de tropas paraguaias em seu território para que invadissem o Brasil. A invasão do solo brasileiro ocorreu no SW do RS, atingindo as cidades de São Borja, Itaqui e Uruguiana.

2. O Tratado da Tríplice Aliança

Assinado em 1º de maio de 1865, foram seus signatários o Brasil, a Argentina e o Uruguai. O tratado visava, fundamentalmente, a uma aliança ofensiva/defensiva contra o governo do Paraguai e ao acerto de medidas tendo em vista as operações militares.

3. As Ações Aliadas

a. 1ª Fase - Da batalha naval do Riachuelo à retomada de Uruguiana

1) a Batalha do Riachuelo, travada em 11 Jun 1865, é considerada um dos pontos de inflexão da guerra. Ela foi decisiva para a derrota do Paraguai, que ficou isolado e com insignificante poder naval;

2) definida a superioridade aliada na dimensão naval do conflito, deu-se a retomada de Uruguiana, em 18 Set 1865.

b. 2ª Fase - A contra-ofensiva aliada

1) a travessia do rio Paraná, em abril de 1865, marcou o início das ações aliadas em território paraguaio. Isso se deu pelo estabelecimento de uma “cabeça de ponte” na região de Passo da Pátria, com a queda do Forte de Itapiru e prosseguimento até a região de acampamento em Tuiuti;

2) numa tentativa de retomar o terreno perdido, as forças paraguaias investiram contra os aliados. Feriu-se, então, a 24 de maio de 1866, a batalha de Tuiuti (para nós, “a batalha dos Patronos”), considerada a maior e mais sangrenta da história da América do Sul, quando foram destroçadas as melhores tropas do Exército paraguaio, tendo os Exércitos aliados empregado, pela primeira vez, conjuntamente, as Armas de Infantaria, Cavalaria e Artilharia. Diga-se, por ilustrativo, que nesta batalha - a única ação ofensiva de grande vulto, executada pelos paraguaios, López, o “Napoleão do Prata”, inexplicavelmente, não usou uma ainda forte reserva (10.000 homens) que se encontrava nas matas, defronte ao local da refrega, não empregou a sua Artilharia, e, atitude gravíssima, não esteve presente, junto às tropas, no campo de batalha, fatos auspiciosos para os aliados e extremamente desafortunados para os guaranis;

3) o que ainda garantia a resistência paraguaia eram as suas magníficas fortalezas, que barravam a penetração ao longo dos 2 rios, além de selvas e pântanos existentes em todo o Teatro de Operações. A estratégia aliada, nesta fase da guerra, era simples: dominar as vias fluviais e encurralar o inimigo em seu próprio território.

c. 3ª Fase - Da tomada de Humaitá à conquista de Assunção

1) após um período de estagnação, Caxias assume o comando das operações, em novembro de 1866; sua primeira preocupação foi melhorar a estrutura de apoio às tropas: armamento, condições sanitárias, suprimento, comunicações, instrução, etc;

2) Caxias, após obter suficiente suporte logístico, isolou, por uma manobra de cerco, a Fortaleza de Humaitá, a principal do sistema defensivo paraguaio, sobre o rio Paraguai, fazendo cair este objetivo militar que deteve, por dois anos, os aliados. A ultrapassagem e conquista deste fortíssimo baluarte significaram a perda da capacidade defensiva estratégica dos paraguaios;

3) após Humaitá, os aliados se defrontaram com as fortificações apoiadas no arroio Piquiciri. Caxias concebeu o ousado plano de ultrapassá-las, desviando-se do rio através de uma estrada de quase 11 Km, construída sobre o Chaco (outubro/novembro de 1868), a fim de surpreender a retaguarda profunda do inimigo, cortando a ligação que este mantinha com Assunção;

4) obtido o sucesso nesta manobra, teve lugar a “Dezembrada”, chamada de “a blitzkrieg brasileira”, que foi um conjunto de batalhas ocorridas em 1868: de Itororó (6/12), Avaí (11/12), Lomas Valentinas (21 e 27/12) e a rendição de Angustura (30/12); o Exército paraguaio é vencido de forma inapelável;

5) em 1º de janeiro de 1869, os aliados entram em Assunção; adoentado, Caxias dá por encerrada a “grande guerra” e comunica ao Imperador, Dom Pedro II, que o inimigo está derrotado, solicitando a sua substituição do comando em chefe de nossas tropas.

d. 4ª Fase - A Campanha da Cordilheira

1) apesar do êxito da “Dezembrada”, a guerra não chegou ao fim, pois López teimava em dar prosseguimento às operações. O Marechal Gastão de Orleans, Conde D’Eu, assume o comando das tropas brasileiras, imprimindo grande rapidez às operações de perseguição ao inimigo apesar das sérias deficiências em nossos suprimentos, em especial quanto à alimentação;

2) após a “Dezembrada”, o chefe paraguaio empreende uma fuga para o norte, em direção às cordilheiras de Amambay e Ubaracayú. No período, ocorreram as batalhas de Peribeubú e Campo Grande (agosto de 1869);

3) em 1º de março de 1870, na região de Cerro Corá, feriu-se o último combate (na verdade, um “entrevero”) da guerra, quando morreu Solano López.

4. CONSIDERAÇÕES RELEVANTES ACERCA DA GUERRA

a. a Guerra do Paraguai foi uma guerra moderna, de transição, entre o período napoleônico e a 1ª GM, podendo até se ombrear, guardadas as proporções, à Guerra da Secessão norte-americana, posto que foi a mais importante do subcontinente sul-americano;

b. ocorreram manobras estratégicas de larga envergadura, ofensivas, como a “manobra de flanco” (para a conquista de Humaitá), a “marcha de flanco” para contornar as posições paraguaias de Piquiciri e a “Dezembrada”, a par de manobras defensivas (como foi para os aliados, a batalha de Tuiuti, de 24 de maio de 1866), as primeiras, características do tempo de Napoleão e as últimas, correntias na 1ª GM;

c. houve o emprego de “operações combinadas” (Marinha e Exército) como na transposição do rio Paraná e no ataque a Curuzu, também precursoras das “operações anfíbias” da 2ª GM;

d. fez-se limitado uso de aeróstatos (balões cativos, fruto da visão vanguardista de Caxias), para o reconhecimento do terreno a partir de Tuiuti, com vistas às manobras para a conquista de Humaitá, eis que não existiam cartas ou mapas da desconhecida e inóspita região de operações, nem guias confiáveis;

e. a Engenharia (basicamente a brasileira) foi larga e eficientemente empregada, mormente quando da construção da “estrada do Chaco”, bem como na transposição de obstáculos naturais ou construídos pelo inimigo, e também junto à Artilharia (construção de posições dessa Arma);

f. a Artilharia brasileira recebeu e soube bem empregar os recém lançados (1855) canhões “La Hitte”, raiados, de maior alcance e precisão e que

apresentavam considerável volume de fogo, comparados com os anteriormente existentes;

g. a imprensa foi constantemente utilizada pelos beligerantes, para a difusão de informações e doutrinação. A Tipografia Móvel de nosso Exército editava um pequeno jornal, “A Saudade”, quando do longo período de acampamento em Tuiuti e, posteriormente, em Assunção, após a ocupação daquela Capital. As tropas paraguaias recebiam “El Semanário”, órgão oficial do governo, e editavam, de maneira rústica, três periódicos: “El Centinela”, “Cacique Lambaré” e “Cabichui”. Todos eles desenvolviam intensa e convincente ação psicológica, estimulando o ardor combatente dos guaranis, em especial o “Cabichui”, que também desencadeava caricata e feroz campanha difamatória contra os aliados, particularmente os brasileiros;

h. a Marinha do Brasil foi de primordial importância quanto ao transporte de pessoal e à logística (os navios eram, muitas vezes, verdadeiras “bases móveis de suprimentos”, como na manobra de Piquiciri). A Força Naval proporcionou constante e eficaz apoio às operações terrestres e obteve pleno êxito nas operações navais encetadas, eis que: dominou os rios Paraná e Paraguai, bombardeou e ultrapassou fortificações ribeirinhas do inimigo, forçando-lhes a passagem (Humaitá e Curupaiti), venceu a decisiva batalha do Riachuelo e repeliu várias tentativas de abordagem de corsários paraguaios (as canoas foram amiúde usadas nessas tentativas) e outros tipos de ações guerrilheiras, como a utilização de camalotes contendo artefatos explosivos, chatas, torpedos, brulotes, etc. No transcorrer da guerra, o poderio naval brasileiro foi se fortalecendo, com o emprego dos “encouraçados” (que iam substituindo a “Esquadra de Madeira”) e a chegada dos “monitores”, construídos no Rio de Janeiro, produto de nossa potencialidade econômica e capacidade industrial - construção naval brasileira - vantagens que os demais países envolvidos no conflito não possuíam e nem tinham condições de possuir a curto prazo.

III Conseqüências da Guerra

a. Para o Paraguai

- 1) o País teve o seu território mutilado e assaz devastado e grande parte de sua população, principalmente a masculina, morta;
- 2) queda da tirania de López;
- 3) definição das fronteiras paraguaias com o Brasil e a Argentina, e a livre navegação no rio Paraguai;
- 4) derrocada econômica do País.

b. Para a Argentina

- 1) foi o Aliado que obteve as maiores vantagens econômicas. Muitos comerciantes - fornecedores civis - tiveram excelentes lucros com a venda de produtos para os Exércitos (fardamentos, víveres, bois, cavalos, forragem, etc);
- 2) resolução de questões de limites com o Paraguai.
- 3) posse definitiva da ilha de Martin Garcia.

c. Para o Uruguai

- 1) apesar de ter sido o principal estopim da guerra, pouco se envolveu na campanha militar (suas perdas foram pequenas em pessoal e material);
- 2) o País permaneceu como um “Estado-tampão” entre Brasil e Argentina, mantida a sua independência.

d) Para o Brasil

- 1) resolução de questões de limites com o Paraguai;

- 2) resolução do problema da livre navegação dos rios da bacia do Prata, em especial quanto ao rio Paraguai;
- 3) consolidação de sua política externa, de não permitir a reconstituição do Vice- Reinado do Prata;
- 4) maior atenção dispensada às ligações com a província de Mato Grosso, asseguradas com a livre navegação pelo rio Paraguai e a então recente utilização dos navios a vapor;
- 5) expansão das idéias republicanas, em face da influência das repúblicas aliadas, e intensificação da campanha pela abolição da escravatura, motivada pela significativa participação na guerra, de ex-escravos alforriados;
- 6) grande endividamento externo, mercê de vultosos empréstimos feitos antes e durante o conflito;
- 7) as Forças Armadas adquirem considerável prestígio pela vitória obtida e têm o seu moral altamente robustecido, despontando as suas mais caras tradições e místicas, hoje refletidas, por exemplo, nas denominações históricas de várias Organizações Militares do Exército e da Marinha.

IV Apreciações Finais

O Brasil logrou concretizar todos os seus objetivos na sangrenta campanha, quais sejam: a derrubada de Solano López, a resolução das questões de limites, a livre navegação nos rios da bacia do Prata e a consolidação de sua tradicional política externa no “caldeirão platino”, como dizia Gustavo Barroso.

A guerra, longa de cinco anos, foi por demais onerosa para o nosso país, que despendeu um esforço hercúleo, sob todos os aspectos. Foram levados para o conflito, durante o seu curso, cerca de 140.000 combatentes, ou seja, 1,6% da população de 8,5 milhões de habitantes, de então (hoje - 1998* - corresponderiam a 2,6 milhões de homens), sendo desses, 12.000 da Marinha Imperial. E o mais doloroso é que, além de incontáveis feridos e contusos, tivemos, aproximadamente, 33.000 mortos, correspondentes a 0,4% da população de 8,5 milhões de habitantes da época. Projetando-se esses 0,4%, para uma população, de 163 milhões de habitantes, é como se, durante cinco anos de guerra, tivéssemos 652.000 mortos (dados ainda referentes ao ano de 1998). * Trabalho elaborado naquele ano.

Podemos, outrossim, chegar às seguintes conclusões:

- a guerra pôs termo a três séculos de conflitos, antiga herança da metrópole às suas colônias e destas às novas nações surgidas pela independência que obtiveram;
- o Brasil foi o país, entre os aliados, que mais se sacrificou, sofrendo enormes perdas materiais e em pessoal combatente;
- a guerra foi provocada pelo ditador Solano López que almejava a criação de um “Paraguai-Maior”, com a anexação de territórios brasileiros, argentinos e uruguaios e uma saída para o mar;
- até há alguns atrás, eram brandidas idéias revisionistas, muito em voga nos meios universitários, de que a Inglaterra armara os países aliados contra o Paraguai. Essa tese surgiu após a segunda década do século XX, quando, no Paraguai, iniciou-se um equivocado revisionismo histórico, que ganhou amplas proporções naquele país-irmão, com vistas à reabilitação de López (cujo maior apologista foi o escritor paraguaio Juan O’Leary) e que o transformou em mais um “herói das esquerdas”. Os aliados na Guerra da Tríplice Aliança, segundo os fautores da mencionada tese, eram tidos como “lacaio do imperialismo

britânico” e López e o Paraguai, “a encarnação do nacionalismo sul-americano”, o que foi muito potencializado após o lançamento do livro “Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai”, do jornalista Júlio José Chiavenatto (Editora Brasiliense, SP, 1979), literatura que obteve enorme estrondo publicitário, promovido pelas esquerdas. A obra, verdadeira interpretação marxista acerca da Guerra do Paraguai, é eivada de inverdades e denigre o povo brasileiro, menosprezando-o, constantemente, em especial quanto ao seu valor combativo e aos seus mais insignes soldados.

Também o historiador argentino León Pomer (lecionou na USP, em SP), muito citado no livro de Júlio Chiavenatto, foi um dos pregoeiros dessa tese de fundo ideológico. León Pomer, com grande honestidade e coragem, fez, recentemente, uma auto-crítica, refazendo a sua opinião a respeito de idéias por ele antes defendidas, como a de que a Inglaterra armara e financiara, intencionalmente, os países da Tríplice Aliança contra o pequenino e “indefeso” Paraguai. Tal “mea culpa” foi publicada em alentada e histórica reportagem, de título “Novas lições: historiadores revêem tese de que o país de Solano López teria sido uma Cuba do século 19, derrotado pela aliança militar do Brasil com a Argentina e o Uruguai”, “Folha de SP”, de 9 Nov 97.

“História é verdade e justiça” e, como tal, devem os historiadores manter uma postura isenta, imparcial, não atrelada a ideologias e a caprichos pessoais. Afirmar que a Inglaterra (ao início da beligerância, até rompida com o Brasil por causa da “Questão Christie”) tinha enorme interesse no “pujante” comércio paraguaio, em especial pelo algodão, matéria-prima necessária para o desenvolvimento inglês, em face da queda nas exportações norte-americanas, ocasionada pela Guerra da Secessão nos EUA, é uma sesquipedal distorção histórica, malevolamente difundida e não condizente com a análise moderna dos fatos. Hoje está provado, documentadamente, quão insignificante era, principalmente em termos de comércio, a economia do Paraguai, máxime em comparação com a do Brasil. Tanto que a Inglaterra veio a se suprir de algodão, justamente com o nosso país, com a Índia e o Egito...

O Brasil era, incontestavelmente, a potência econômica da América do Sul, isso constatado, nos dias hodiernos, por historiadores, economistas e estatísticos, estudiosos de nossa história, como nos dá conta já bastante farta e recente literatura a respeito do assunto. Assim, não poderia haver “o equilíbrio no Prata”, tão propalado por López - o “Napoleão da Selva”, que transformou o seu país, na “Prússia da América do Sul”, como era tachado o Paraguai, por vários publicistas da época. Tal “equilíbrio” jamais poderia ocorrer, mercê da indesmentível hegemonia brasileira em todas as expressões do poder nacional, a par de seu superlativo potencial demográfico, em relação aos demais países. Diga-se, que ao romper da guerra, desafortunadamente, o nosso Exército estava desprevenido: era reduzido (18.000 homens) e espalhado pelo imenso território nacional, ao contrário da Força Terrestre do Paraguai, que recrutou cerca de 70.000 homens para a campanha.

Acontece que o Exército Brasileiro era muito mais profissional do que o paraguaio; era um Exército com uma multissecular tradição guerreira, herdada de Portugal (cuja Côrte para aqui se transferiu em 1808), experiente, veterano e vitorioso em várias guerras sucessivas (1850, 1851, 1852, contra Oribe e Rosas e em 1864, contra Aguirre do Uruguai, como tão bem nos ensina o eminente historiador militar, Cel Francisco Ruas Santos); existiam muito boas Escolas Militares de formação, Oficiais de Estado-Maior, de 1ª e 2ª classes,

Corpo de Engenheiros, Serviços de Saúde e Eclesiástico, etc, pelo que os nossos Chefes militares eram bem melhor preparados do que os Chefes caudilhos, nossos vizinhos, à exceção de Mitre, da Argentina. Vários Oficiais brasileiros foram instrutores do Exército paraguaio e construtores, como os engenheiros militares, das fortificações erigidas por López, com destaque para a de Humaitá (“a Sebastopol Sul-americana”). Tanto que a partir de um reduzido núcleo, altamente profissional e adestrado, em curto espaço de tempo (cerca de três meses) foi formada, com a convocação da Guarda Nacional e dos Batalhões de Voluntários da Pátria, uma inicial e eficiente “máquina de guerra”, que partiu para a campanha e foi crescendo ao longo da mesma, conseguindo vencer, apesar de inúmeros óbices, um inimigo aguerrido e obstinado. Houve, entretanto, algumas e graves vulnerabilidades, pois o Exército ressentia-se da falta de um Serviço de Transporte e Aproveitamento e não possuía a importância política da Guarda Nacional, fator este, aliás, preponderante e em razão do qual, o pequeno Paraguai não foi por nós dissuadido em deflagrar a guerra.

Refrise-se que as guerras eram bidimensionais e, na dimensão naval, a Marinha brasileira obteve a supremacia, após a batalha do Riachuelo. Hoje, felizmente, a maioria dos historiadores já não vê o Paraguai de antanho, como “a mais desenvolvida, próspera e industrializada nação da América do Sul”, nem mais concorda com teses tendenciosas e inverídicas, de deturpação da História, como a de superestimar presumíveis interesses estrangeiros (Inglaterra, particularmente) e subestimar os nossos próprios, estes sim, os reais motivadores do conflito (citados no início deste trabalho).

Por derradeiro, aduza-se que López provocou e quis a guerra, não levando em conta os sábios conselhos que, nas vascas da morte, lhe deu o seu pai, Carlos López. Mal avaliando o poder dos litigantes, em particular o do Brasil; dispersando, estrategicamente, em três direções (MT, RS e Argentina), grande parte de suas mais adestradas tropas, no início das operações; atuando, mediocrementemente, nas raríssimas ações ofensivas que empreendeu, como nas duas batalhas de Tuiuti, López estava fadado a perder a guerra, de forma funesta, como ocorreu, restando, à posteridade, o venerável exemplo de patriotismo, abnegação, disciplina e heroísmo do bravo e sacrificado povo paraguaio.

Por que, então, imprecisar os integrantes da Tríplice Aliança da prática de “genocídio”, como teimam em fazer os profitentes da “teoria conspirativa da História”, sabendo-se que a guerra, desejada por López, foi rigorosamente travada consoante os preceitos bélicos da segunda metade do século XIX, não existindo “guerra limpa”? Consigne-se, finalmente, por relevante ilustração, que dentre a vasta literatura que trata da Guerra do Paraguai, avulta de importância o livro “Guerra do Paraguai: Escravidão e Cidadania na Formação do Exército”, de Ricardo Salles, Edição Paz e Terra, SP, 1990. A propósito, vejamos algo do que nos transmite este autor, na obra anteriormente citada:

“Ver a guerra do Paraguai como uma necessidade do imperialismo inglês para garantir o livre comércio é, por um lado, superestimação grosseira do nacionalismo paraguaio e da cobiça inglesa e, por outro, uma subestimação dos interesses próprios da Argentina e do Brasil”.

Hoje, quando mais do nunca, urge que se exacerbe o orgulho nacional, não devemos subestimar ou até desconhecer os nossos mais lícitos e soberanos interesses, cristalizados nos inegociáveis objetivos nacionais

permanentes, muitos dos quais insculpidos no artigo 4º da Constituição Federal.

MANOEL SORIANO NETO – Cel Inf QEMA

Bibliografia

- Fragoso, Augusto Tasso - “História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai”, 5v., Bibliex, Rio de Janeiro, 1950.
- O’Leary, Juan E. - “Nuestra Epopeia, Guerra del Paraguai, 1864-1870”, Assunção, 1919.
- Pomer, León - “La Guerra del Paraguai. Gran Negocio”, Ed. Calden, Buenos Aires, 1968.
- Salles, Ricardo - “Guerra do Paraguai: Escravidão e Cidadania na Formação do Exército”, Ed. Paz e Terra, São Paulo, 1990.
- Chiavenatto, Júlio José - “Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai”, Ed Brasiliense, São Paulo, 1979.
- Duarte, Paulo de Queiroz - “Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai”, vários volumes e tomos, Bibliex, 1981.
- Barreto Lima, Flamarion - “Guerra do Paraguai”, ECEME (C Prep), 1969.
- Maya Pedrosa, José Fernando de - “A Guerra da Tríplice Aliança - Aspectos Históricos”, “A Defesa Nacional”, Set/Out 1989.
- Abente, Diego - “A Guerra da Tríplice Aliança: Três Modelos Explanatórios”, “A Defesa Nacional”, Nov/Dez 1988.
- Carvalho, Luiz Paulo Macedo de - “Periodização da História Militar”, “A Defesa Nacional”, 1º quadrimestre/2000.
- Pereira, Batista - “Civilização contra Barbárie”, “A Defesa Nacional”, Set/1928
- Ribeiro de Sena, Davis - “A Tríplice Aliança e a Estratégia Brasileira”, Revista do IHGB, Jun/1980.
- Reportagem de “A Folha de São Paulo”, de 9 Nov 97, de título: “Novas Lições: Historiadores revêem Tese”...
- Andrade, Theóphilo de - “O Fim de uma Epopéia”, Revista “O Cruzeiro”, 24/3/1970.
- Macedo, Nertan - “López, Herói da Esquerda”, “Jornal do Brasil”, 15/3/1988.